

A NARRATOLOGIA TEMPORAL E COMPARATÍSTICA EM *DOM QUIXOTE E EM MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR*¹

DOMÍCIO MOREIRA RIBEIRO²

RUBENS MARTINS DA SILVA³

Gérard Genette (1995, p. 214) diz que é possível contar uma “história sem precisar o lugar onde sucede, e se esse lugar está mais ou menos afastado do lugar onde é contada, ao passo que é quase impossível não a situar no tempo quanto ao ato narrativo”.

Em tessitura, o tratamento temporal teorizado aponta ao leitor a concepção de ocorrência do tempo narratológico no enfoque do tempo da história e do discurso. Em esclarecimentos, o tempo da história atrela-se à época ou momento histórico em que a ação se desenrola. E o tempo do discurso remete ao tratamento ou ocorrência do tempo da história pelo narrador. Para isso, ele narra os acontecimentos com ênfase na ordem temporal (anacronia), recorrendo à analepse, *flashback*, (recuo a acontecimentos passados) ou à prolepse, *flashforward*, (antecipação de acontecimentos futuros).

No contexto de difundir a temporalidade, é importante observar, conforme afirma Todorov (1995, p. 245), em que o tempo do discurso é compreendido pelo “tempo da escritura e da leitura”. Da escritura, por assentar-se no “tempo da enunciação”, e da leitura, “pela percepção da própria leitura”.

Atinente às obras narrativas *Dom Quixote* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*, é possível tratar de sua narrativa temporal tomando como bojo a anacronia.

Detendo-se às concepções da anacronia, a narratologia aponta para a existência da analepse por meio dos seguintes exemplos:

- Em *Dom Quixote*, o tempo do discurso remete o leitor a situar-se no tempo da narrativa quando lhe é apresentado o relato dos Cavaleiros Andantes

¹ Texto elaborado em cumprimento aos créditos da disciplina Teoria da Narrativa do curso de Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária pela PUC Goiás.

² Mestrando em Letras – Literatura e Crítica Literária pela PUC Goiás, turma 2010.1.

³ Mestrando em Letras – Literatura e Crítica Literária pela PUC Goiás, turma 2010.1.

quando das cavalarias remotas ao período da história antiga. Os relatos apontados pelas “aventuras” praticadas por vários cavaleiros implicam no retorno à história a partir da discursividade construída pelo escritor e provocadora da percepção (leitura) pelo leitor. As percepções enfatizadas convergem apenas ao contexto da crença e da bravura dos cavaleiros, algo que *Dom Quixote* se propôs, limitando-se ao que leu em cada um de seus livros.

- Na história, o tempo suscitado é percebido quando o autor trata das datas e dos acontecimentos ocorridos na realidade social de época de existência dos cavaleiros andantes.

É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano) se dava a ler livros de cavalaria, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitas courelas de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler; com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero (Capítulo 1º, obra completa, *Dom Quixote*, Volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/I/I>. Acesso em 24/04/2010).

Encheu-se-lhe a fantasia de tudo que achava nos livros, assim de encantamentos, como pendências, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas, e disparates impossíveis; e assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo (Capítulo 1º, obra completa, *Dom Quixote*, Volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/I/I>. Acesso em 24/04/2010).

Afinal, rematado já de todo o juízo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum do mundo; e foi: parecer-lhe convinável e necessário, **assim para aumento de sua honra própria, como para proveito da república, fazer-se cavaleiro andante**, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo em que tinha lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama (Capítulo 1º, obra completa, *Dom Quixote*, Volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/I/I>. Acesso em 24/04/2010).

E assim, sem a ninguém dar parte da sua intenção, e sem que ninguém o visse, uma manhã antes do dia, que era um dos encalmados de Julho, **apercebeu-se de todas as suas armas, montou-se no Rocinante, posta a sua celada feita à pressa, abraçou a sua adarga, empunhou a lança, e pela porta furtada de um pátio se lançou ao campo**, com grandíssimo contentamento e alvoroço, de ver com que felicidade dava princípio ao seu bom desejo (Capítulo 2º, obra completa, *Dom Quixote*, Volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/I/I>. Acesso em 24/04/2010).

Ainda no contexto da anacronia, percebe-se a ocorrência da prolepse quando *Dom Quixote* inculca em Sancho Pança a possibilidade de que este seria um

governador em decorrência de sua bravura, como fiel escudeiro do Cavaleiro da Triste Figura.

Dizia-lhe entre outras coisas D. Quixote, que se dispusesse a acompanhá-lo de boa vontade, porque bem podia dar o acaso que do pé para a mão ganhasse alguma ilha, e o deixasse por governador dela. Com estas promessas e outras quejandas, Sancho Pança (que assim se chamava o lavrador) deixou mulher e filhos, e se assoldou por escudeiro do fidalgo (Capítulo 7º, obra completa, Dom Quixote, Volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/II>. Acesso em 24/04/2010).

Dizia-lhe, entre outras coisas, que se ele se dispusesse a segui-lo poderia conquistar riquezas e poder. Talvez chegasse a ser governador de uma ilha, quem sabe até coisas superiores (ANGELI, 2007, p. 33).

Dissecando a tessitura narrativa de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, o leitor acha-se envolto numa abordagem estética centrada na **desregulada apresentação das cenas**.

Em contexto autobiográfico, o texto interliga-se aos fatos memoriais vividos por Oswald de Andrade com a personagem de Miramar. Precípua ao contexto de relatos, a construção narratológica amplia-se a resultados à visão de um diário sentimental, como se fosse um jornal abordando ocorrências sociais permeando desde o nascimento até a morte dos personagens.

Observando a sequência narrativa, os pontos destacados das memórias de João Miramar traçam um enredo, em que os fatos são apontados como cenas cinematográficas. Por esse particular, a dissolução textual remete a um traçado de comportamento da sociedade, independentemente da época. Conforme Antonio Cândido, “é uma tentativa seriíssima de estilo e de narrativa, ao mesmo tempo que um primeiro esboço da sátira social. A burguesia endinheirada roda pelo mundo seu vazio, as suas convenções, numa esterilidade apavorante”.

Em razão de ser uma obra escrita na forma telegráfica, de ser considerada de certa forma caótica, “desconcertada”, do fato de que Oswald de Andrade não facilitou o texto para os leitores, é difícil analisar em *Memórias Sentimentais de João Miramar* temas como **Tempo, Espaço e Personagens**.

A época (...) em que os fatos ocorreram não tem importância. O que importa é a maneira pela qual o narrador filtrou aquelas experiências e, principalmente, a linguagem que emprega para contá-las ao leitor. A obra parece seguir uma ordem vagamente cronológica.(ALB⁴)

⁴ Academia de Letras do Brasil. Disponível em: <<http://singrandohorizontes.blogspot.com/2010/01/oswaldo-de-andrade-memorias-sentimentais.html>>. Acesso em 23/04/2010.

A marcação do tempo pode, no entanto, ser compreendida em razão da sequência dos “telegramas” presentes na obra, todos eles numerados, começando do número 1 até o número 163.

Na sequência dos “telegramas”, o narrador vai apresentando os principais fatos que marcaram até então a sua existência: “a) infância; b) viagem ao exterior; c) retorno ao Brasil; d) 1ª Guerra Mundial; e) namoro com Célia; f) casamento; g) nascimento de sua única filha (Celiazinha); h) o caso extraconjugal [Mlle. Rolah]; i) a falência; j) divórcio motivado pelo insucesso financeiro; k) morte da ex-esposa; l) recuperação da guarda da filha e da fortuna”.

A obra então caminha da infância para a juventude/mocidade, e destas para a maturidade. A marcação do tempo não é feita com datas, horas, etc.

Na abertura da obra, vemos o menino Miramar sendo conduzido por sua mãe a um oratório. Ao final deste primeiro “telegrama”, o menino reza e, como todo menino, se desconcentra, misturando a Ave-Maria com o conceito que ele tem sobre as mulheres.

FASE DA INFÂNCIA

1. O PENSIEROSO

Jardim desencanto

O dever e procissões com pálios

E cônegos

Lá fora

E um circo vago e sem mistério

Urbanos apitando nas noites cheias

Mamãe chamava-me e conduzia-me para dentro do oratório de mãos grudadas.

— O Anjo do Senhor anunciou à Maria que estava para ser a mãe de Deus.

Vacilava o morrão do azeite bojudo em cima do copo. Um manequim esquecido vermelhava.

— **Senhor convosco, bendita sois entre as mulheres, as mulheres não têm pernas, são como o manequim de mamãe até embaixo. Para que pernas nas mulheres, amém.**

Em “Gatunos de Crianças”, o circo, palhaços, cavalos são indicações de um mundo infantil, da criança, da infância.

4. GATUNOS DE CRIANÇAS

O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada.

E funâmbulos cavalos palhaços desfiaram desarticulações risadas para meu trono de pau com gente em redor.

Gostei muito da terra da **Goiabada** e tive inveja da vontade de ter sido roubado pelos ciganos.

5. PERIGO DAS ARMAS

Entrei para a escola mista de D. Matilde.

Ela me deu um livro com cem figuras para contar **a mamãe** a história do rei Carlos Magno.

14. UM PRIMO

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. **E o Pantico inquietava minha tranqüilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeiras** amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

FASE DA JUVENTUDE (as viagens pelo mundo):

29. MANHÃ NO RIO

O furo do ambiente calmo da cabina cosmoramava pedaços de distância no litoral.

O Pão de Açúcar era um teorema geométrico.

34. TENERIFE

Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada.

No cosmorama do leito duas linhas de luzes marcavam a flutuação de Santa Cruz de Tenerife. **A terra depois de dez dias tinha negros comovais humanos.**

35. TERRA FIRME

A vida de bordo pôs rouge para proximidades de Barcelona.

Adivinhado na neblina o rochedo de Gibraltar deu para os binóculos mediterrâneos as primeiras costas da Europa.

E a sombra de Montjuich com luzes marcou a noite em que Madame de Sevri teve rasgões no jardim de batiste.

Levei nossa despedida para uma ceia de calamares por pequenas ruas com grandes casas estreitas e tortas dando dorso à rambla rindo de casquette e xales.

FASE DA JUVENTUDE (o namoro com Célia):

60. NAMORO

Vinham motivos como gafanhotos para eu e Célia comermos amoras em moitas de bocas.

Requeijões fartavam mesas de sequilhos.

Destinos calmos como vacas quietavam nos campos de sol parado. A vida ia lenta como poentes e queimadas.

Um matinal arranjo desenvolto de ligas morenava coxas e cachos.

O casamento:

62. COMPROMETIMENTO

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flores como bênçãos e sinos tilintintaram.

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

O nascimento do primeiro filho:

75. NATAL

Minha sogra ficou avó.

FASE DA MATURIDADE

Miramar se apaixona por uma estrela de cinema, Mlle Rolah, e sua esposa descobre tudo.

100. RABO-LEVAS

"Joãozinho

Depois que tu partistes a Celiuzinha estava um pouco abatida, caiu doente com resfriado. (...)

(...) Não se esqueça de todas as minhas outras encomendas e traga também um par de sapatos de lona branca para Celiuzinha. Vai a medida do pé. Temos tido muito calor nestes dias. **Por que é que não me escreves?** Veja se vem logo. Abraça-te e beija-te. Tua Célia”

Miramar na Europa com a amante:

109. A FARRA

"Meus queridos irmãos.

Estivemos agora em Veneza, onde é muito bonito e célebre (...).

Nós não vamos embora para o Brasil porque mamãe tem medo dos sobremarinos.

P. S. Vimos a Ponte dos Suspiros onde morreu Romeu e Julieta e tiramos um retrato pegando nas pombas. Nair".

Falecimento da esposa, D. Célia:

156. BATEM SINOS POR D. CÉLIA

"Faleceu anteontem, na fazenda dos Bambus, comarca de Pindobaville, na juvenil idade de 28 anos, sucumbido a uma terrível peneumonia, a Exma. Sra. D. Célia Cornélia da Cunha (...).

Em tempo da história, **a ocorrência de analepse** assenta-se em recordar os acontecimentos por meios das memórias, sendo estas marcadas por um traçado de amplo contexto, o qual situa a personagem em seus momentos de vida por vários percursos.

3. GARE DO INFINITO

Papai estava doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.

Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.

No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.

O enredo remete à identificação da morte do pai de João Miramar, **fundamentando o contexto da analepse.**

Partindo das memórias ocorridas, João Miramar não se funda no saudosismo, antes atenta para o prosseguimento de suas atitudes futuras. Nesse foco, vê-se a **prolepse** desencadear-se num ritmo de suavidade e esperança.

Pertinente ao saber literário, **formata-se a prolepse** quando a personagem é questionada por que estava parando de escrever.

Após o falecimento de sua esposa, João Miramar decide interromper as memórias, fato que ele revela por meio de uma entrevista.

163. ENTREVISTA ENTREVISTA

— Com que então o ilustre homem pátrio de letras não prossegue suas interessantíssimas memórias?

A dissolvência narratológica das ações futuras, prolepse, de João Miramar, seriam interrompidas em razão de sua grande contribuição praticada em sua vida. Continuar suas produções não seria o ideal em razão dos resultados que ela já tinha provocado em seus leitores e críticos.

Nas obras *Dom Quixote* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*, percebe-se em comparatística narratológica a ocorrência de fatos acentuados em **analepse**, caso dos relatos expressos por João Miramar ao deleitar-se em descrever suas memórias, dando respaldo ao que se processou em sua vida existencial. **Pelo contexto do tempo da história, forma-se então a premissa de observação de retornar, de revistar, de lembrar.**

Em *Dom Quixote*, o enfoque comparatístico ganha sentido porque aponta as memórias das personagens, não vividas de fato, mas estruturadas em suas atitudes aventureiras e futurísticas, provocadas pelo efeito da leitura. Vê-se nas atitudes de *Dom Quixote* a **acentuação da prolepse**, quando das ações que seriam tomadas pelas personagens. Tudo ocorre no plano do discurso, pois o que se efetivará está condicionado ao incerto, ao devir.

Formata-se o processo comparativo pela ocorrência da memória de atitudes vividas em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, e de atitudes “prolepsianas” em *Dom Quixote*, face ao contexto de realizar-se feitos de um “futuro” cavaleiro.

Ao contexto da análise narratológica e comparatística construída, a crítica literária traçada por meio das leituras dos livros *Dom Quixote* e *Memórias Sentimentais de João Miramar* contribuíram para a inferência de alguns pontos de implicação no contexto da sociedade atual.

Os fatos ocorridos com Dom Quixote e Sancho Pança podem ser compreendidos como os desafios que a sociedade enfrenta. Na pele de Dom Quixote, é possível vislumbrar uma infinidade de cidadãos acreditando no sonho e na felicidade, mesmo reconhecendo a impossibilidade de superar os gigantes invisíveis, porém diluidores do ego quando se presta a lutar sozinho. Apesar dessa negatividade, é possível ver em Sancho Pança o tratamento ao contexto dos gigantes reais e desafiadores da sociedade. É importante considerar que a vida na sociedade não se consolida pelo sonho, mas pelo agir decorrente do preparo, do planejamento e da determinação.

Em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, o contexto narrativo remete ao relato de suas atitudes vividas no percurso da existência da personagem, João

Miramar. Em leitura ao contexto social, compreende-se que os exemplos das memórias construídas apontam para o real de cada cidadão. É possível verificar relação das ocorrências de viagens, de estudo, de namoro, de trabalho, de desacertos conjugais – traições, brigas –, de negócios, de morte e de produção textual.

Seguindo delineamentos de Joyce, o processo narrativo engendra-se no mundo personalístico para difundir o “eu” das personagens. Vê-se no fluxo de consciência de cada ato narrado a personificação das angústias, dos desejos, das aventuras e dos momentos de felicidade provados em cada ato discursivo. Por concepções hegelianas, o processo literário, em face da ficção psicológica nunca será considerado ultrapassado, em virtude de tratar do que está presente no mais íntimo do homem: sua alma. Nesse contexto, os fluxos da escritura remetem escritor e leitor ao processo estético presente na obra de arte literária.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Editora Três, 1973.

ANGELI, José. **Dom Quixote: o cavaleiro da triste figura**/Miguel de Cervantes; tradução e adaptação em português de José Angeli; ilustrações de Salmo Dansa. – São Paulo: Scipione, 2007. – (Série Reencontro Literatura).

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Obra completa, volume I. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Dom_Quixote/I/I>. Acesso em 24/04/2010.